

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014
ISSN: 2316-8285

A DITADURA MILITAR EM LONDRINA DESENVOLVIDA POR MEIO DE AULA OFICINA

Danillo Ferreira de Brito¹
Giane de Souza Silva²
Marco Antônio Neves Soares³

RESUMO

O presente trabalho aborda a metodologia da Aula Oficina, com o uso de evidências, como possibilidade de intervenção em aulas de história no ensino fundamental, a partir dos pressupostos teóricos do Ensino de História no campo da Educação Histórica conforme Isabel Barca (2004). O processo de construção das aulas contou com vários encontros entre professores coordenadores, professores supervisores e graduandos do Pibid- História -UEL, observação e intervenção em sala de aula do Colégio Estadual Tsuru Oguido, Londrina-Paraná. Verifica-se que a Aula Oficina possibilita ao professor uma maior interação e dinamiza a abordagem dos conceitos substantivos e de segunda ordem visando à formação da consciência histórica dos jovens em idade de escolarização a partir da cognição histórica situada.

Palavras Chaves: Ensino de História. Aula Oficina

Introdução

O presente artigo apresenta a abordagem da aula-oficina, como uma possibilidade metodológica para o ensino fundamental. Analisa a realização de aulas-oficina com o tema “Ditadura Militar no Brasil”, no âmbito das atividades do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de licenciatura em História da Universidade Estadual de Londrina, no qual os autores supervisionaram um grupo de bolsistas, enquanto docentes no Colégio Estadual Tsuru Oguido. Apresentamos alguns dados para caracterização do campo e dos sujeitos que atende. Por fim, apontamos uma avaliação das aulas-oficinas como proposta de trabalho para o ensino fundamental.

101

Caracterizando a aula oficina

A atividade docente requer alguns saberes, sobretudo ao ministrar a disciplina de História, muitos professores tratam os temas/conteúdos de maneira desconexa com exemplos da realidade, distanciando seu campo da vida dos alunos. Decidimos abordar a proposta de aula-oficina, debatido por Barca (2004), como uma possibilidade, de acordo com a autora, de superação do senso-comum. A respeito dos paradigmas metodológicos das aulas na década de 1980, Barca (2004), aponta a

¹ Licenciado em História pela Universidade Paranaense. Mestre em Educação pelo programa de Mestrado da Universidade Estadual de Londrina(2013) . Professor QPM. Professor supervisor do PIBID-UEL. Danillo.brito1987@gmail.com

² Licenciada em História pela UEL, Mestre em Educação pelo programa de Mestrado da UEL (2014). Professora QPM. Professora Supervisora do PIBID-UEL. gianemarilia@gmail.com

³ Doutorado em História e Sociedade, Assis pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil(2001) . Professor titular da Universidade Estadual de Londrina , Brasil Professor coordenador do PIBID-História-UEL.

predominância de modelos como o da aula-conferência. Nesse paradigma, o professor/detentor do saber, transfere aos alunos sua ‘sabedoria’.

Assim, o aluno é encarado como sujeito ‘que nada sabe’, suas experiências anteriores são desconsideradas. Seu conhecimento é tratado de maneira passiva. Como avaliação, a proposta do modelo de aula-conferência propõe os testes escritos, ou como ficou mais conhecido, as ‘provas’. Nesse momento, o aluno transmite por meio da escrita, o que conseguiu decorar/assimilar do tema trabalhado. Barca (2004) sistematiza no quadro abaixo o modelo/paradigma da aula-conferência:

Quadro 1- Modelo de aula-conferência

Paradigmas educativos: Modelo de aula-conferência	
Lógica	O aluno, tábua rasa O professor, conferencista e ator
Saber	Modelo do saber e do desvio
Estratégias e recursos	“Magister dixit” Aula conferência
Avaliação	Testes escritos
Efeitos Sociais	Produtos Sociais

Fonte: BARCA, 2004, p. 131 – 144.

Barca (2004) aponta que esse modelo de aula conferência é muito parecido com o paradigma da aula-colóquio, de inspiração behaviorista, diferindo apenas na questão da motivação, porém, centrando a atuação no professor, enquanto figura de destaque do processo. Para superar esses paradigmas a pesquisadora pontua como deve se estabelecer a postura do professor, partindo do pressuposto que o conhecimento deve ser construído na aula pelos alunos, para tanto explicita que:

Nesse modelo, o aluno é efetivamente visto como um dos agentes do seu próprio conhecimento, as atividades das aulas, diversificadas e intelectualmente desafiadoras, são realizadas por estes e os produtos daí resultantes são integrados na avaliação. (BARCA, 2004)

Desse modo, sugere-se que o paradigma da aula oficina apresenta uma relação dialógica, trazendo o aluno para a discussão do tema, partindo do senso-comum, do seu conhecimento, o professor intervêm e auxilia na construção de novos conhecimentos. Como demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 2 – Modelo de aula-oficina

Paradigmas Educativos: modelo de aula-oficina	
Lógica	O aluno, agente de sua formação com ideias prévias e experiências diversas.

	O professor, investigador social e organizador de atividades problematizadoras
Saber	Modelo do saber multifacetado e a vários níveis: -senso comum, -ciência, -epistemologia
Estratégia e recursos	Múltiplos recursos intervenientes aula-oficina
Avaliação	Material produzido pelo aluno, testes e diálogo
Efeitos sociais	Agentes sociais

Fonte: BARCA , 2004, p. 131 – 144.

Em nossa atuação enquanto professores supervisores do PIBID, optamos por trazer o modelo de aula-oficina para a realidade da sala de aula, trabalhando o tema “Ditadura Militar no Brasil”, durante o primeiro semestre do ano de 2014. Foram realizadas seis oficinas, que versaram o tema principal (ditadura militar), porém, abordando com outros segmentos, como movimentos sociais (o papel do movimento estudantil em Londrina, durante a Ditadura Militar, a discussão do preço da passagem do ônibus por esse movimento já naquele período); Publicações voltadas para as jovens no período militar, onde tratamos das matérias veiculadas na revista Capricho, onde se retratou o papel de uma mulher submissa, responsável pelos afazeres domésticos; As canções que trataram da Ditadura e a censura; A realização de uma pesquisa com os pais e avós dos alunos, sobre como era realizado o ensino de História no período, isso por conta da predominância de matérias como Organização Social e Política do Brasil (OSPB) e Educação Moral e Cívica, que refletiam nas salas de aula a ideologia do regime; entre outras oficinas.

103

A escolha do tema está relacionada ao fato do Golpe de 1964 estar completando 50 anos e que levou ao poder os militares. A importância deste debate é o fato desse evento ter marcado a vida de milhões de brasileiros, incluindo àqueles que se organizaram para lutar contra o regime.

Reconhecendo o espaço escolar e o jovens estudantes do Colégio Estadual Tsuru Oguido

Atualmente , a cidade de Londrina conta com uma rede de ensino estadual composta por 72 escolas que atendem em torno de 51.819 alunos, O ensino fundamental do 6º ao 9º ano é oferecido em 64 escolas, com 826 turmas e 22819 alunos.

A grade curricular aprovada no ano de 2013 definiu que durante o ano letivo de 2014, as 25 turmas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, totalizando 741 alunos matriculados.

O Colégio de atuação dos professores supervisores e alunos bolsistas está localizado na região oeste de Londrina e atende a população de vários bairros. Conforme Silva (2014) a instituição escolar foi fundada no ano de 1993. O quadro docente no ano pesquisado era formado por 47 professores atuando em sala de aula, denominados professores de regência, pertencentes ao

Quadro Próprio do Magistério (QPM) e à modalidade denominada Professores do Processo Seletivo Simplificado (PSS).

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) - criado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2007, busca reunir num só indicador o fluxo escolar e média de desempenho nas avaliações dos alunos. Na escola pesquisada, a nota do IDEB dos alunos do 8º/9º ano, em 2013, foi de 2,4 – inferior, portanto, à meta projetada, ou seja, 4,6 para o mesmo ano.

De acordo com Silva (2014) a escola enquanto instituição está presente na organização social da sociedade moderna e contemporânea. Na dimensão que alcança nos diversos contextos da educação formal o surgimento de reflexões teóricas sobre a cultura escolar tem atraído estudos de historiadores da educação e de educadores preocupados com o cotidiano da escola numa perspectiva histórica.

De acordo com Silva (2014, p. 86) na prática, não é possível separar os vários elementos componentes do cotidiano escolar, mas podemos repensar o objetivo do ensino de história a partir das aulas e da forma de apresentar os conteúdos aliados à busca do entendimento da compreensão histórica dos alunos. Libertar-se das amarras da forma tradicional de ensino e permitir aos alunos elaborarem suas explicações ao nível de ideias de segunda ordem pode fazer das aulas de História uma ponte para a orientação temporal, via interesse e a perspectivação do futuro.

Esse jovem/aluno/estudante apresenta formas diferentes de relacionamento com a escola. Segundo a pesquisa de Silva (2014), na perspectiva dos alunos a escola é uma instituição de grande importância e com uma finalidade específica. A positividade em relação à importância da escola revela a assimilação da experiência histórica da instituição escolar na vida prática das famílias.

Considerações finais

O trabalho com a aula-oficina no ensino fundamental permitiu que os sujeitos se envolvessem mais ativamente no processo educativo. Ao trazer para os alunos a responsabilidade com a construção do conhecimento, percebeu-se um maior interesse em dialogar sobre o tema. Para os graduandos do PIBID, a atuação no preparo e na execução das aulas possibilitou o contato com a realidade da sala de aula e apresentou os desafios docentes.

O tema “Ditadura Militar”, que representa as mudanças políticas, sociais, econômicas e culturais as quais o Brasil sofreu no período de (1964-1985) refletiu sobre a vida de muitos jovens,

que hoje são pais/avós de nossos alunos, entender como esse processo se deu, seus porquês é de extrema importância, para que se evite o retrocesso que o regime representou.

Enquanto docentes, receber as oficinas em nossas aulas, possibilitou ampliar o debate sobre as questões políticas e que é possível discutir esse assunto de outras maneiras, que envolvam mais interação e outros caminhos na construção do conhecimento.

Referências

BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In. ***Para uma educação de qualidade***: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004.

IBGE. ***Censo Demográfico 2010***. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411370&search=paranallondrina>>. Acesso em: 20 fev. 2013

Secretaria de Estado da Educação. ***Consultas escolas***. Disponível em: <www.consultasescolas.pr.gov.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2014..

SILVA, Giane de Souza. ***Educação histórica*** : os sentidos atribuídos por alunos do 9º ano do ensino fundamental ao conhecimento histórico sobre história local. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Londrina, 2014